

O delírio independentista, em Catalunha e o mar vermelho e amarelo.

A pretensão independentista propalada por alguns imprudentes líderes políticos em Catalunha, afigura-se ademais de um indiscutível ponto de inflexão na Espanha, um momento histórico que há de cinzelar no tempo e no espaço, um retumbante fracasso ideológico: O separatismo. Vejamos.

Primeiramente porque, até então, a única segregação obtida com este irresponsável delírio foi a de milhões e milhões de Euros perdidos ao dia, com a verdadeira diáspora que se presencia, com a fuga de empresas e investidores da região catalã. Somente em 48h., os seus dois maiores bancos, O Sabadell e o CaixaBank e outras empresas, mudaram suas sedes para sítios como Madrid, Valencia, ou Palma de Mallorca, já que como sabido por qualquer investidor doméstico, “o dinheiro é medroso”; Ou por qualquer CFO de empresa que cotiza em bolsa de valores, aqui o IBEX-35, que “o efeito manada é quase sempre cruel” com as grandes corporações empresariais.

Então, a primeira conclusão simples e lógica que abstraímos, é que o separatismo faz mal à economia moderna, indubitavelmente lastreada em conceitos universais, globais e de um gregarismo financeiro até às vezes exagerado, mas ao ponto de gerar máximas conhecidas como “se os EEUU espirram, o Brasil adocece”. Pois, evidente está que investidores do mercado catalão, minimamente versados em economia, sabem que uma possível, ainda que delirante declaração de independência, pode resultar na criação de uma nova moeda e que esta “por supuesto”, estaria definitivamente desvalorizada perante o petreamente sólido, Euro.

Com efeito, quanto valeria o “Cataleuro” frente ao Euro? Tão pouco quanto são as chances de êxito do Sr. Puigdemont, em seu claro e delirante erro histórico.

A propósito, no caso telado, a máxima napoleônica que sugere “não se incomodar o adversário enquanto ele está errando”, não se pode aqui aplicar, pois, como acima demonstrado, o relógio conspira contra a economia catalã, por meio de “hemorrágica fuga de capitais diuturna”.

Evidenciamos então, a **segunda** condição histórica, merecedora de nota. A tempestiva e eficaz reação monárquica espanhola ao delírio independentista, que em um lúcido, altivo e histórico pronunciamento de S.M. el Rey D. Felipe VI, rechaça esta pretensão ilegal, pois inconstitucional e adverte de forma contundente e austera, dos riscos de tal errático caminho, concitando os Espanhóis à unirem-se em torno de uma só Espanha, tranquilizando à todos sobre o destino da Nação, nestes “momentos muy graves para nuestra vida democrática”.

Para os brasileiros, que há muito não convivem com a Monarquia, pode-se à princípio, passar-se ao largo da importância histórica do pronunciamento Real. Mas, ao contrário, aqui na Espanha, e nos países monárquicos em geral, eventos como este são raros. S.M. el Rey, D. Felipe VI, em habitual, dirige-se à nação espanhola, da qual é o representante maior, em mensagens natalinas e festivas, em tom de felicitações. Nos impressionou, destarte, vivenciar este momento histórico, vendo o País parar para escutar o Monarca D. Felipe VI, se posicionar em cadeia de radio e televisão, sobre o desafio separatista, evidentemente rechaçando-o, e impondo sua autoridade, sua austeridade, sua majestosa majestade, enfim, e sendo louvado pelos seus súditos !

Ficamos muito felizes em confirmarmos a funcionalidade e a indiscutível utilidade e importância da Monarquia Espanhola. Uma monarquia na qual o Rei reina e governa. Uma monarquia na qual, S.M. el Rey, apresenta-se quando necessário em traje de gala, seguindo os mais rígidos e elegantes protocolos monárquicos europeus, mas mostra-se de terno e gravata, tal qual um grande gestor, quando necessário, demonstrando a inquestionável eficácia do bom governante, em momentos difíceis, tranquilizando a nação.

É dizer, nada mais oportuno do que um movimento secessionista, para um monarca demonstrar seu papel de agente catalizador de um povo, de uma nação, unida por idiosincrasias históricas indissolúveis. S.M. el Rey de España, se por um lado encontra-se com um desafio à frente, por outro, reunindo todas as condições para da melhor forma ultrapassa-lo, depara-se com uma oportunidade histórica para demonstrar ao seu povo, a sua já conhecida competência, herdada de seu pai, S.M. el Rey Juan Carlos, que eternizou-se como o grande responsável pela transição democrática em Espanha, por meio da figura de Adolfo Suarez.

Esta constatação, a da eficiência histórica refletida pelo comprometimento social da Realeza Espanhola, enche de orgulho qualquer espanhol e recrudescer a sinergia entre povo e governo monárquico.

E isto, nos levou à percebermos a **terceira** constatação deste inesquecível momento histórico. De forma dicotômica ao movimento independentista catalão - que frise-se, não reflete a vontade da maioria dos catalães -, exurgira em toda a Espanha, uma demonstração de patriotismo comovente, envolvente e apaixonante. O incondicional amor dos espanhóis à Espanha largamente demonstrado por meio de manifestações e miríades e miríades de bandeiras hasteadas sob janelas, em muros, paredes, carros, mastros, postes, ruas, cidades... E, quando pensávamos que seria impensável a Espanha mais linda do que já é, vimos um país repleto de um belo vermelho e amarelo patrióticos !

Um amarelo que representa a riqueza e a pujança da 14^a. potência econômica mundial - que assim prosseguirá como tal, por certo - e que tem investido 175 bilhões de reais no Brasil.

Um vermelho que representa o respeito pelo sangue derramado pelos seus ancestrais, nas lutas pela sua unidade e paz. Um vermelho que representa os seus vinhos inigualáveis, que denotam o caráter festivo, acolhedor e afável de seu povo. Um vermelho que lembra a elegância e a galhardia de um “Olé!”. Um “Olé” como o que vejo agora, enquanto escrevo esta crônica, representado no olhar de cada espanhol, que neste momento, empunha uma bandeira da Espanha na Plaza Colón, assegurando ao mundo que

A Espanha é uma só!

Antonio Peres Junior, é Presidente e sócio fundador da ABRESCCO – Acercamientos Brasil España en Cultura y Comercio e estudioso da cultura espanhola e sua aproximação com o Brasil.

para que o consumidor esteja mais exigente com os serviços.

Entre as reclamações mais comuns, está o reajuste elevado. De acordo com o superintendente, existem três possibilidades

saúde é, na maior parte das vezes, algo que você adquire rezando para nunca precisar usar. Por esse aspecto, em muito tempo, você paga sem usar muito".

Nesta lógica, se entende que, pelo titular já ter

Outra reclamação comum, diz respeito à abrangência dos planos. O contrato, explica o superintendente, pode cobrir, mais ou menos doenças, ser mais ou menos completo, podendo ser nacional ou regional.

tesa do consumidor. O descredenciamento de redes hospitalares sem o prévio conhecimento do titular do plano é mais um motivo das queixas, e uma das mais comuns envolvendo os planos de saúde.

ANTONIO PERES JUNIOR

O delírio independentista em Catalunha e o mar vermelho e amarelo

A pretensão independentista propagada por alguns imprudentes líderes políticos em Catalunha, afigura-se ademais de um indiscutível ponto de inflexão na Espanha, um momento histórico que há de cinzelar no tempo e no espaço, um retumbante fracasso ideológico: O separatismo. Vejamos.

Primeiramente porque, até então, a única segregação obtida com este irresponsável delírio foi a de milhões e milhões de Euros perdidos ao dia, com a verdadeira diáspora que se presencia, com a fuga de empresas e investidores da região catalã. Somente em 48h., os seus dois maiores bancos, O Sabadell e o CaixaBank e outras empresas, mudaram suas sedes para sítios como Madrid, Valência, ou Palma de Mallorca, já que como sabido por qualquer investidor doméstico, "o dinheiro é medroso"; Ou por qualquer CFO de empresa que cotiza em bolsa de valores, aqui o IBEX-35, que o efeito manada é quase sempre cruel" com as grandes corporações empresariais.

Então, a primeira conclusão simples e lógica que abstraímos, é que o separatismo faz mal à economia moderna, inquestionavelmente lastreada em conceitos universais, globais e de um gregarismo financeiro até às vezes exagerado, mas ao ponto de gerar máximas conhecidas como "se os EEUU espirram, o Brasil adocece". Pois, evidente está que investidores do mercado catalão, minimamente versados em economia, sabem que uma possível, ainda que delirante declaração de independência, pode resultar na criação de uma nova moeda e que esta "por suposto", estaria definitivamente desvalorizada perante o petreamente sólido, Euro.

Com efeito, quanto valeria o "Cataleuro" frente ao Euro? Tão pouco quanto são as chances de êxito do Sr. Puigdemont, em seu claro e delirante erro histórico.

A propósito, no caso telado, a máxima napoleônica que sugere "não se incomodar o adversário enquanto ele está errando", não se pode aqui aplicar, pois, como acima demonstrado, o relógio conspira contra a economia catalã, por meio de "hemorrágica fuga de capitais diuturna".

Evidenciamos então, a se-

recedora de nota. A tempestiva e eficaz reação monárquica espanhola ao delírio independentista, que em um lúcido, altivo e histórico pronunciamento de S.M. el Rey D. Felipe VI, rechaça esta pretensão ilegal, pois institucional e adverte de forma contundente e austera, dos riscos de tal errático caminho, concitando os Espanhóis à unirem-se em torno de uma só Espanha, tranquilizando a todos sobre o destino da Nação, nestes "momentos muy graves para nuestra vida democrática".

Para os brasileiros, que há muito não convivem com a Monarquia, pode-se à princípio, passar-se ao largo da importância histórica do pronunciamento Real. Mas, ao contrário, aqui na Espanha, e nos países monárquicos em geral, eventos como este são raros. S.M. el Rey, D. Felipe VI, em habitual, dirige-se à nação espanhola, da qual é o representante maior, em mensagens natalinas e festivas, em tom de felicitações. Nos impressionou, destarte, vivenciar este momento histórico, vendo o País parar para escutar o Monarca D. Felipe VI, se posicionar em cadeia de rádio e televisão, sobre o desafio separatista, evidentemente rechaçando-o, e impondo sua autoridade; sua austeridade, sua majestosa majestade, enfim, e sendo louvado pelos seus súditos!

Ficamos muito felizes em confirmarmos a funcionalidade e a indiscutível utilidade e importância da Monarquia Espanhola. Uma monarquia na qual o Rei reina e governa. Uma monarquia na qual, S.M. el Rey, apresenta-se quando necessário em traje de gala, seguindo os mais rígidos e elegantes protocolos monárquicos europeus, mas mostra-se de terno e gravata, tal qual um grande gestor, quando necessário, demonstrando a inquestionável eficácia do bom governante, em momentos difíceis, tranquilizando a nação.

É dizer, nada mais oportuno do que um movimento secessionista, para um monarca demonstrar seu papel de agente catalizador de um povo, de uma nação, unida por idiosincrasias históricas indissolúveis. S.M. el Rey de España, se por um lado encontra-se com um desafio à frente, por outro, reunindo todas as condições para da melhor forma ultrapassá-lo, depa-

histórica para demonstrar ao seu povo, a sua já conhecida competência, herdada de seu pai, S.M. el Rey Juan Carlos, que eternizou-se como o grande responsável pela transição democrática em Espanha, por meio da figura de Adolfo Suarez.

Esta constatação, a da eficiência histórica refletida pelo comprometimento social da Realeza Espanhola, enche de orgulho qualquer espanhol e recrudescer a sinergia entre povo e governo monárquico.

E isto, nos levou à percebermos a terceira constatação deste inesquecível momento histórico. De forma dicotômica ao movimento independentista catalão - que frise-se, não reflete a vontade da maioria dos catalães -, exsurta em toda a Espanha, uma demonstração de patriotismo comovente, envolvente e apaixonante. O incondicional amor dos espanhóis à Espanha largamente demonstrado por meio de manifestações e miríades e miríades de bandeiras hasteadas sob janelas, em muros, paredes, carros, mastros, postes, ruas, cidades... E, quando pensávamos que seria impensável a Espanha mais linda do que já é, vimos um país repleto de um belo vermelho e amarelo patrióticos!

Um amarelo que representa a riqueza e a pujança da 14.ª potência econômica mundial - que assim prosseguirá como tal, por certo - e que tem investido 175 bilhões de reais no Brasil.

Um vermelho que representa o respeito pelo sangue derramado pelos seus ancestrais, nas lutas pela sua unidade e paz. Um vermelho que representa os seus vinhos inigualáveis, que denotam o caráter festivo, acolhedor e afável de seu povo. Um vermelho que lembra a elegância e a galhardia de um "Olé". Um "Olé" como o que vejo agora, enquanto escrevo esta crônica, representado no olhar de cada espanhol, que neste momento, empunha uma bandeira da Espanha na Plaza Colón, assegurando ao mundo que

A Espanha é uma só!

Antonio Peres Junior, é Presidente e sócio fundador de ABRESCO - Acercamientos Brasil España en Cultura y Comercio e estudioso da cultura espanhola e sua aproximação com o Brasil.



Mariana Rios é Tempest